
**SER EDUCADOR:
UMA EXPERIÊNCIA
MODIFICADORA DE SI***

Márcio Couto Henrique**

A VIAGEM DO CONHECIMENTO

Em agosto de 2004, ministrei oficina intitulada Afinal, O que São Sociedades Indígenas? juntamente com Jane Felipe Beltrão, no Encontro Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizado em Belém do Pará. Em meio às discussões, narrei aos participantes algumas de minhas experiências de contato com povos indígenas à época em que trabalhei como Chefe do Serviço de Educação na Fundação Nacional do Índio (Funai), na Administração Regional de Belém. Basicamente, utilizei essas experiências para discutir com os participantes uma série de preconceitos dos quais os povos indígenas ainda são vítimas no Brasil e também para discutir categorias tais como etnocentrismo, civilização e cultura. Até hoje, lembro-me de que, ao final da oficina, uma das participantes veio me dizer do espanto que teve ao me ver ainda jovem e, segundo ela, com tantas histórias para contar.

De fato, sempre notei que levar para a sala de aula experiências vividas fora do âmbito escolar constitui um diferencial para os alunos e geralmente facilita a compreensão e a interação nas discussões. Ocorre que, se todos nós temos experiências múltiplas vividas fora da escola, nota-se que nem todos os educadores conseguem estabelecer relações entre o que se vive fora e o que se discute dentro da escola.

Uma das disciplinas que mais me marcou no doutorado foi A História da Sexualidade de Michel Foucault, ministrada pelo professor Ernani Chaves. As lições que aprendi sobre o mestre francês foram ines-

quecíveis, mas gostaria aqui de fazer menção a uma viagem que fiz nessa disciplina, mesmo sem ter saído da sala de aula. Na introdução do volume 2 da sua *História da Sexualidade*, Foucault (1984) explica aos leitores as modificações que teve que fazer no percurso de sua pesquisa. Diz ele que todos os seus esforços de pesquisa são feitos no sentido de “[...] mudar-se a maneira de ver, para modificar o horizonte daquilo que se conhece e para tentar distanciar-se um pouco” (FOUCAULT, 1984, p. 15). Esse distanciamento me parece ser a chave da questão! É necessário distanciar-se de si, das coisas que estamos acostumados a ver diariamente e, mais precisamente, é necessário distanciar-se da maneira como estamos habituados a ver as coisas que vemos diariamente. Esse ato de tomar distância das coisas Foucault (1984, p. 15) compara com uma viagem e, para ele, a “[...] viagem rejuvenesce as coisas e envelhece a relação consigo mesmo”. Em outras palavras, quando viajo, conheço outros mundos, outras formas de agir e de pensar, outras concepções do que significa a felicidade, a vida, a morte etc. Por isso, “a viagem rejuvenesce as coisas”. Por outro lado, o conhecimento desses “outros” faz com que eu adquira mais experiência, com que amadureça minhas próprias ideias, daí porque a viagem “envelhece a relação consigo”. Já não consigo mais olhar para as coisas como olhava antes, pois agora sei que existem outras respostas possíveis para as mesmas questões que enfrento no dia a dia. É nesse sentido que Foucault diz que a viagem é uma experiência modificadora de si.

O leitor mais acostumado com as discussões antropológicas dirá que essas reflexões do filósofo francês sobre o distanciamento são recorrentes na Antropologia desde o início desta ciência. É verdade! Mas considerando que a “atitude antropológica” não é exclusividade dos antropólogos, não vejo problema em iniciar a discussão sobre o distanciamento recorrendo a um filósofo, ainda mais tendo sido Foucault teórico fundamental para a renovação de temáticas de pesquisa em diversas áreas das chamadas Ciências Humanas.

Mas o que essa discussão toda tem a ver com o trabalho do professor em sala de aula? Tudo! Digo isso porque, se muitas vezes não conseguimos utilizar nossas próprias experiências em sala de aula, é porque não conseguimos olhar para as coisas de maneira diferente da que estamos acostumados. Todos os dias fazemos ‘viagens’ dentro ou fora de casa, mas não permitimos que elas constituam uma experiência modificadora de nós mesmos! Por isso, muitas vezes não conseguimos perceber que o mundo à nossa volta – que é também, em certo sentido,

o mundo de nossos alunos – nos oferece inúmeras possibilidades de recursos que podem ser levados para dentro das salas de aula.

Numa outra situação, lembro que ministrava a disciplina Metodologia da História em determinada faculdade em Belém e precisava explicar aos alunos a noção de “estranhamento”, que seria o equivalente à noção de “distanciamento” utilizada por Foucault. Depois de discutir o texto Ritual do Corpo entre os Nacirema, em que o antropólogo Horace Minner (1956) realiza interessante exercício de estranhamento da sociedade norte-americana, olhando-a de maneira distanciada, pedi aos alunos que fizessem seu próprio exercício de estranhamento, a partir da observação de algo que lhes fosse familiar. Para meu espanto, nenhum aluno das duas turmas em que ministrava essa disciplina apresentou qualquer exercício na data marcada. Para facilitar o trabalho, dando-lhes ideia de como a atividade poderia ser desenvolvida, havia feito meu próprio exercício de estranhamento para dividir com os alunos. Meu esforço, a partir da leitura do conto O Espelho, de Machado de Assis (1996), resultou no pequeno texto abaixo.

A CAIXA DE SONHOS

No intrigante conto O Espelho, o romancista Machado de Assis pôs na boca do personagem Jacobina uma interessante reflexão sobre a natureza da alma. Em primeiro lugar, dizia Jacobina, não há uma só alma, há duas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. Esta última é a que o personagem chama de nossa ‘alma exterior’. Há casos em que a alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, um livro, uma máquina, um par de botas. Tal como a primeira alma, o ofício dessa segunda é transmitir a vida. Estas duas almas completam o homem. Aquele que perde uma delas, perde metade da existência. Há mesmo casos em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Em outras palavras, a perda da alma exterior, nesses casos, implica na morte do perdedor. No caso de Jacobina, sua alma exterior era o título de alferes da Guarda Nacional.

Gostaria de refletir sobre a alma exterior de grande parte das pessoas do mundo dito ‘civilizado’: a Caixa de Sonhos. Quando de seu surgimento, ela só era acessível aos muito ricos, mas desde sempre se constituiu num objeto de desejo de todos, pobres ou

ricos. A razão de todo esse encantamento com a Caixa é devida ao fato de que ela tem o poder mágico de refletir imagens de quaisquer coisas, o que causa um verdadeiro fascínio nas pessoas. No início, as imagens refletidas na Caixa eram em preto e branco, mas hoje elas são a cores, o que só aumentou seu fascínio. Tal como as pessoas, coloridos também são os sonhos, fantasias e ideologias que a Caixa reproduz, sempre com ar de veracidade.

Atualmente, pode-se ver que algumas casas têm várias Caixas de Sonhos, mas nem sempre foi assim. Antes, quem não tinha uma Caixa sequer, assistia as imagens na casa de quem tinha, o que conferia ao dono da casa certo status. Hoje elas também são de tamanhos diferentes e bem mais sofisticadas, até mesmo permitindo às pessoas escolherem os programas que alimentarão seus sonhos e fantasias. Parece mesmo existir uma relação entre o tamanho da fantasia e o tamanho da Caixa. Em algumas situações, quanto maior a Caixa, parece que maior é o status ou, pelo menos, a sensação de bem estar do dono. Mas em outras, o tamanho da Caixa vai exatamente na direção contrária: quanto menor ela for, mais orgulhoso ficará o dono, ostentando-a na palma da mão, como se carregasse a própria alma. Os que não podem carregar a alma nas mãos, olham de soslaio.

Causa certo espanto perceber que algumas pessoas passam por privações a fim de acumularem dinheiro para comprá-la. Várias outras situações nos indicam o fascínio que a Caixa de Sonhos exerce sobre as pessoas. Elas são objeto de desejo de ladrões; é bastante comum também vermos casais em processo de separação brigando, muitas vezes publicamente, pela posse da Caixa de Sonhos; em algumas casas, os filhos têm Caixa em seu próprio quarto; em algumas famílias, há briga para assistir a Caixa em determinados horários; em outras, todos assistem a Caixa juntos.

Já houve quem me dissesse que em sua casa, a briga maior é para ver a quem caberá o controle da Caixa de Sonhos, pois atualmente, já é possível acessar a Caixa à distância, bastando ter em mãos um acessório que, direcionado para ela, faz com que as imagens apareçam automaticamente, sendo possível definir séries de imagens preferenciais. Ou seja, quem tem o acessório em mãos, tem o controle da Caixa de Sonhos, o que não deixa

de significar um controle sobre todos os que estão diante dela. Eis o motivo das brigas! Certos programas conseguem reunir milhares de pessoas diante das Caixas, em clima de festa, com direito a bebida, comida...

Pessoas que aparecem na Caixa, muito embora apenas representando papéis, muitas vezes são tratadas como deuses e não conseguem andar nas ruas sem serem assediadas, correndo o risco de terem suas roupas rasgadas, seus cabelos arrancados ou serem beijadas mesmo contra sua vontade. E tais pessoas devem corresponder a esse assédio, mantendo o riso, a simpatia, muito embora tais características só lhes sejam peculiares na Caixa de Sonhos.

A Caixa de Sonhos lança modas, costumes, modifica a linguagem das pessoas. Os mais encantados chegam a pautar sua vida ou seu comportamento em função do que a Caixa apresenta como valor. Cozinheiros e cozinheiras, empregadas domésticas, muitas vezes preparam os alimentos nos intervalos das séries de imagens veiculadas na Caixa.

Mas nem todos se entregam à Caixa de Sonhos de corpo e alma. Muitos acusam-na de desestruturar as famílias, corromper os valores; alguns pais proibem seus filhos de ligá-la; ouve-se até reações à Caixa de Sonhos em músicas com letras agressivas onde se diz que a Caixa ‘me deixou burro, muito burro, demais. Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais’. Nada, no entanto, parece conseguir arranhar a imagem da Caixa. De fato, parece que, assim como no conto de Machado de Assis o título de alferes eliminou o homem, na sociedade ocidental dita civilizada a Caixa de Sonhos eliminou de muitos de nós uma parte considerável de humanidade.

A alma exterior – que antes era o sorriso dos filhos, o olhar terno dos pais, o beijo da namorada, o afago do marido, o poema para a mulher amada – foi eliminada pela Caixa de Sonhos.

DE VOLTA À ESCOLA

O fato de nenhum dos meus alunos ter conseguido realizar o exercício, mesmo depois de ler o texto de Horace Minner e o meu próprio, além de me deixar bastante frustrado, fez-me refletir ainda mais sobre essa dificuldade que não é exclusiva daquele grupo de alunos. De certa

maneira, esse tipo de estranhamento requer de nós educadores postura semelhante a dos antropólogos. Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p. 13-17), importante antropólogo brasileiro, afirmou que os três momentos ou etapas da apreensão dos fenômenos sociais feita pelo antropólogo são o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever”. Com relação ao “olhar”, o autor diz que nossa maneira de ver a realidade influencia previamente o modo como dirigimos nosso olhar para o objeto de nossa pesquisa. Algo semelhante ocorre quanto ao “ouvir”, pois a teoria social que adquirimos durante nossa formação acadêmica também pré-estrutura o nosso olhar. É no momento de “escrever” que, de fato, o antropólogo cumpre sua mais alta função cognitiva, iniciando propriamente o processo de textualização dos fenômenos sócio culturais observados no campo.

Talvez esteja faltando a nós educadores exatamente esse tipo de exercício, de (re)aprender a olhar, ouvir e, sobretudo, escrever. Assim, todos os dias temos acesso a experiências nossas ou de outras pessoas que poderiam ser transformadas em algo que pudesse ser trabalhado em sala de aula, mas nossos olhos e ouvidos estão tão massacrados pelo cotidiano que mal conseguimos refletir sobre nossa realidade a ponto de a transformarmos em texto. Se considerarmos como Cardoso de Oliveira (1996) que “o ato de escrever” é “um ato igualmente cognitivo”, ao não escrever estamos abrindo mão da possibilidade de exercitar nossa capacidade de elaborar descrições e narrativas, aprofundar nossas análises e consolidar nossos argumentos.

Em setembro de 2005, tive a oportunidade de exercitar essas ideias com um grupo de alunos do Curso de Especialização em Ciências e Matemática, em Abaetetuba, Pará, promovido pelo Educimat/UFP¹. A disciplina era Antropologia da Educação e os alunos eram graduados em Matemática, atuando como professores nos municípios paraenses de Abaetetuba, Limoeiro do Ajuru, Igarapé Miri, Concórdia do Pará, Bujaru e Moju. Depois de discussão mais teórica e de delimitar os cuidados que devemos ter com nossa postura em campo, elaboramos roteiro básico de perguntas que deveriam ser feitas aos informantes ou interlocutores, orientei os alunos a realizarem exercício de trabalho de campo em que deveriam identificar os saberes matemáticos nos seguintes lugares: na oficina de produção de brinquedos de miriti², feira do açai³, marcenaria e serraria. A turma foi dividida em grupos, que foram liberados durante uma manhã para realizar a tarefa. À tarde, os alunos deveriam apresentar o resultado do trabalho de campo, via atividade

que evidenciasse como seria possível levar o conhecimento adquirido na pesquisa para a sala de aula.

A apresentação dos trabalhos à tarde mostrou que a atividade foi bem sucedida e que os grupos se empenharam em executar a tarefa com muito afinco. Todos apresentaram sua experiência de campo, sendo que muitos fizeram questão de demonstrar satisfação por estarem realizando exercício de pesquisa de campo pela primeira vez. Foi consenso a percepção de que este tipo de trabalho é bastante acessível aos professores e que eles podem dinamizar suas aulas dessa forma, inclusive envolvendo os alunos. No relatório da pesquisa de campo apresentado pelo grupo que visitou uma oficina de produção de miriti, os alunos concluíram que

[o] artesão estudou até a 5ª série e afirma ter sido um bom aluno de Matemática, sendo esta disciplina uma das suas favoritas. Para ele os conhecimentos matemáticos obtidos na escola o ajudaram bastante na produção dos artesanatos de miriti nos seguintes aspectos: na proporcionalidade, através dela é possível saber a quantidade de matéria-prima necessária para produzir determinada quantidade de brinquedos; na aritmética, através da multiplicação e divisão do número de peças necessárias para se montar uma determinada quantidade de produtos; na equação, através do processo de produção envolvendo a quantidade de produtos, o tempo para produzi-los e o preço para venda dos mesmos (PINHEIRO, 2005).

Na apresentação das atividades que evidenciassem como seria possível levar o conhecimento adquirido na pesquisa para a sala de aula os alunos foram bastante criativos, explorando ao máximo as possibilidades de exercício na matemática, inclusive ensejando debates em torno de questões específicas da área, deixando o professor da disciplina muitas vezes ‘viajando’, em sentido bem distinto do proposto por Foucault...

Também em Abaetetuba, ao ministrar Antropologia da Educação para turma de professores que trabalham com Séries Iniciais, pedi a alguns alunos que tentassem transformar em texto alguma das muitas experiências interessantes que eles narravam nas aulas. A aluna Marily Fernandes de Souza (2005), do município de Concórdia do Pará, aceitou o desafio e produziu o texto a seguir.

Uma experiência inusitada⁴

Essa história se passou em meados de 1994, em período eleitoral no interior do Maranhão, no município de Montes Altos, numa aldeia Krikati.

Nessa época morava em Belém e, a convite de uma cunhada que estava candidata a Deputada Estadual no Maranhão, fomos eu, meu ex-marido e três casais de amigos participar do comício na aldeia dos índios Krikati, no mesmo Estado. Por solicitação de minha cunhada, seu irmão a ajudaria em sua campanha política levando um trio de forró para animar seu comício. Bom, é importante lembrar que ao aceitarmos o convite nos organizamos de forma a não perder um só momento na aldeia: filmadora, máquina fotográfica e muita cerveja, seria uma grande festa, afinal iríamos conhecer índios de fato.

Viajamos aproximadamente 10h. Claro! Íamos parando, parecíamos realmente turistas! Ao chegarmos em Montes Altos tomamos banho e seguimos numa estrada de chão perigosa e cansativa, estávamos ansiosas para conhecermos o objeto da nossa aventura, os índios. Bem, finalmente avistamos a aldeia, nossos olhos brilhavam, nunca nenhum de nós havia estado numa aldeia indígena. Ao adentrarmos, nos ocorreu o primeiro estranhamento: antenas parabólicas, caminhões, caminhonetes, casas ao invés de ocas, enfim, parecia uma pequena cidade. Havia milhares de índios, e logo percebemos que não veríamos índios pelados ou com as vestimentas típicas que nos acostumamos a ver nos livros didáticos.

Mas o melhor, ou pior, ainda estava por vir. Quando estacionamos os carros, minha cunhada logo apareceu, e pediu que o trio de forró começasse logo o show, pois todos estavam ansiosos para começar. Ao iniciar o show os índios começaram a zombar e gritavam “Mastruz com leite!”, “Mastruz com leite!” (Banda de forró renomada naquela época), e não conseguíamos entender o motivo. Logo em seguida um índio se aproximou de nosso grupo e pediu que um de nós se dirigisse até o cacique da aldeia. Lá o cacique explicou que eles haviam sido enganados, pois minha cunhada havia prometido uma banda de forró e não um sanfoneiro, um zabumbeiro e um triângulo. Avisou que ficaríamos todos presos e um de nós poderia sair para buscar a banda de forró. Entramos todos em desespero, ouvíamos eles dizerem que iam quebrar os carros, havia revolta em suas vozes.

Descobrimos com minha cunhada que funcionários do INCRA já haviam sido presos por vários dias, amarrados a troncos que inclusive estavam bem visíveis a nossos olhos, e eram alimentados com sangue de um cachorro que um dos funcionários do INCRA havia matado.

Daí em diante estenderam-se as negociações, alguns índios universitários nos ajudaram, amenizando a problemática.

O dia já estava amanhecendo quando resolveram o impasse nos libertando, porém minha cunhada deveria levar em uma data determinada por eles uma banda maior, o que realmente aconteceu depois. Mas, é claro, só ela foi!

Foi uma experiência e tanto! No início ficamos muito revoltados, entretanto, percebemos que os índios ainda possuem valores muito mais lapidados que os nossos. E que o “homem branco” querendo sempre levar vantagem em tudo, acaba rompendo com tais valores ferindo essa relação entre índios e brancos. Hoje, principalmente após ter tido essa experiência e de ter cursado a disciplina Antropologia da Educação, tenho concepções acerca da cultura indígena completamente diferente daquelas que possuía, resultado de uma educação tradicional, carregada de preconceitos.

Marily Fernandes de Souza

Concórdia do Pará, 19 de maio de 2006.

Note-se que a professora Marily Fernandes de Souza construiu bela e rica narrativa valendo-se de uma experiência “inusitada” ou uma bela viagem, nos termos de Foucault. Ao aceitar o desafio de textualizar essa experiência, transformou-a numa experiência modificadora de si mesma e, ao mesmo tempo, num ato cognitivo. De “objetos de nossa aventura”, os índios Krikati passaram à condição de sujeitos de sua própria história, demonstrando forma peculiar de apropriação dos códigos de nossa cultura, revelando dinamismo cultural que escapava ao olhar até então preconceituoso da professora. Com texto produzido por ela, enriquecido com elementos de sua experiência de vida, a professora Marily Fernandes de Souza tem em mãos instrumento pedagógico que lhe abre a possibilidade de discutir com seus próprios alunos noções tais como preconceito, etnocentrismo, respeito pelas diferenças, identidade cultural, entre outros. Ainda mais se considerarmos que, muito possivelmente, seus alunos compartilham de muitos dos estereótipos que ela demonstrava ter a respeito dos índios, esperando encontrá-los “pelados ou com as vestimentas típicas que nos acostumamos a ver nos livros didáticos”.

OS ÍNDIOS E A CARTA DE CAMINHA ÀS AVESSAS

Outra experiência bastante satisfatória que tive foi durante curso de Etno-História que ministrei para professores indígenas Tembé, Kaapor e Guajajara, em Santa Inês, Maranhão, organizado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Funai, no ano de 2000. Em uma das atividades que programei, fizemos a leitura e discussão da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha. Depois disso, solicitei aos índios que elaborassem carta em grupo, com a visão (imaginária) dos índios sobre os primeiros europeus que chegaram ao Brasil. O destinatário da carta deveria ser o chefe ou ‘cacique’ maior da aldeia. Seria uma espécie de Carta de Caminha às avessas. O resultado deixaria meus alunos de Metodologia da História com inveja... vejamos alguns exemplos⁵:

CARTA 1: Aldeia Morro Branco, 22 de abril de 1500

Il.mo. Cacique,

Disponho deste presente documento para comunicar-lhe que temos invasão de pessoas estranhas em nossa terra. São pessoas altas, cheias de pêlos pelo rosto, peito e pernas. Seus pés são cobertos de um material que parece couro das caças que comemos, possuem canoas com muitos detalhes e são muito grandes.

Não conseguimos compreender suas falas, nem eles entendem nossa língua. Usam objetos brilhosos nos pescocões que não sabemos o que é, são muita gente nas canoas grandes. Parece-nos que caíram do céu, são muito diferente que nós. Usam também um objeto sobre suas peles. Não comem a nossa comida e nem nós conseguimos comer o que eles comem. Diante desse fato solicito a presença de todos os parentes para vê-los e experimentarmos a carne destes seres que são gordos.

Atenciosamente,

Sebastião Bento de S. Lima

CARTA 2: O primeiro encontro com os Karay'u no século XVII andando numa canoa Eu e um companheiro. fazendo uma pescaria de flecha. direpente fomos soprendido pro umas pessoas que nós não conhecia eles. tinham as pelis mais bêm clara de que a nossa. os cabelos louros. e as comidas deles éram totalmênte diferente do nossa. elas não têm o meimos sabor do quanto os muquidado qué fazemos na nosa aldeia. eles mostraram um

arapurra quê e diferente dos nossos, que temos aqui na nossa terra. mostraram também um muntúm quê também é diferente do quê nois conhecemos. deu ate para faze meido.

mostran também um para'uah quê este é igual o nossos daqui. so as penas diferente, mais tudo isto foi dificio de nôs ci entende bêm proque nôs não tinha o meimos tronco liguista. mais atraveis do acênos comvesamos um pouco. mas ditudo o quê o capitão delis têm de bonito é um colar quê so capitão pode uza. Eu ainda pédir para ele mais não mi entendeu.

aulado deli tinha uma coisa tão bonita, quê so capitão pode uza. mais um delis tinham-se um colar de frutinhas branca, logo Eu lipédir para faz uma brasadeira. ele mi deu. Mais ai Eu pesebir quê não era frutinha. lidei de volta.

Ass Carlos Ka'apor

CARTA 3: Santa Inês, 27 de janeiro de 2000

Carta ao leitor sobre a chegada dos Europeus no Brasil.

No início, ou seja, como dizem antes do descobrimento do tal Brasil, nós indígenas vivíamos com total liberdade, não havia perseguição, opressão e nem massacre. Em 1500, precisamente 22 de abril aqui chegaram os portugueses vindo de um lugar bem distante chamado Portugal. Que com certeza jamais sabíamos a existência desse país. A caravela que aqui chegou era comandado por senhor chamado, Pedro Alvares Cabral, o grande mentiroso, com ele veio um escrivão chamado Pero Vaz de Caminho, que tinha a missão de registrar tudo. Inclusive sobre nós, indígenas. Chegaram sem pedir nenhuma permissão a nós, a terra que servia somente para caçar desenvolver nossas atividades culturais, os rios eram para pescar, as caças serviam de alimentos, nos tomaram tudo. Após essa chegada deles aqui para nos mudou tudo. apartir daí então não tínhamos mais socego. Começaram nos matar por que nos não queriamos fazer o que eles queriam com a gente, começaram também nos escravisar e hoje estamos vivos graças a força de resistência que temos, são 500 anos de luta e umilhação, mas estamos na luta para reverter esse quadro. Queremos ser reconhecidos que somos pessoas diferentes que os nossos conhecimentos sejam respeitados por todos.

Zeziro Rodrigues Guajajara.

Mesmo com as dificuldades apresentadas no domínio da língua portuguesa, posto que muitas vezes mais acostumados com o relato oral e em sua própria língua, os professores indígenas aceitaram e enfrentaram o desafio de textualizar sua compreensão dos primeiros encontros e desencontros entre índios e não-índios no Brasil, transformando o exercício proposto, de fato, num ato cognitivo. Outra experiência interessante nesse curso foi a elaboração de calendários a partir da realidade das aldeias, substituindo o nome convencional dos meses pelo aspecto que identifica o respectivo mês em cada aldeia (fenômenos sociais ou da natureza). Por exemplo: substituir janeiro por milho, dezembro por festa, fevereiro por rio cheio etc. Essa atividade, comum em escolas indígenas espalhadas pelo Brasil caberia a muitos municípios brasileiros, que muitas vezes têm que se adaptar a calendário padronizado imposto pelas secretarias de educação, distante das realidades locais, geralmente marcadas pela sazonalidade, em que as referências são o tempo do açaí, do milho, o tempo da cheia ou da seca e não janeiro e fevereiro, por exemplo.

O primeiro encontro com os KAPORU no século XVII

Andando numa canoa eu e um companheiro, fazendo uma pescaria de flecha, dispenstei-me ao ser abordado por uma pessoa que nós não conhecíamos. Tinha os cabelos mais bem clara do que a nossa. Os cabelos louras, e as camisas dele eram totalmente diferentes da nossa. elas não têm o mesmo sabor do quanto os muriquide que fazemos na nossa aldeia. Ele mostrou um arapuera que é diferente dos nossos que temos aqui na nossa terra. mostrou ~~uma~~ também um muriquin que também é diferente do que nós conhecemos, deu até para fazer melido. mostrou também um paracurah que este é igual o nosso daqui, so as penas diferentes mais tudo isto foi difícil de nós entender bem porque nós não tinha o mesmo tronco linguista. mais abraçamos do acinos conversamos um pouco. mas ditudo o quê o Capitão dele tem de bonito é um calar que se capitão pode usar. Eu ainda pedir para ele mais não me entendeu. ~~o~~ aulad dele tinha uma coisa tão bonita, que se capitão pode usar. mais dele tinham-se um calar de ~~putincha~~ branca, logo eu li pedir para faz uma bravadira. ele me deu. mais ai eu perceber que não ~~o~~ putincha. lidei de volta.

BS Carlos KAPORU

Figura 1: Carta de Caminha às avessas, escrita pelo professor indígena Carlos Ka'apor, janeiro de 2000.

Infelizmente, não tive como acompanhar os desdobramentos dessas experiências no trabalho desses professores, mas a atitude deles me faz acreditar que, se não ampliaram essas experiências, pelo menos visualizaram novas possibilidades de encaminhar o trabalho com seus alunos. De todo modo, a atitude dos professores indígenas, em sua disposição cognitiva antropofágica, sempre abertos para tudo devorar e atribuir novos significados (“vê-los e experimentarmos a carne destes seres que são gordos”, nas palavras do Guajajara Sebastião Lima), serve como indicativo da necessidade dessa disposição dialógica que precisamos ter como educadores, estando sempre dispostos a enxergar as coisas de maneira diferente, a fim de que, junto com nossos alunos, possamos alcançar uma compreensão maior do mundo em que vivemos.

Notas

- ¹ O Programa Educimat está localizado no Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico (NPADC)/UFPA – unidade acadêmica de integração na produção de conhecimentos e em ações de educação continuada de professores de Ciências e Matemática, em todos os níveis de ensino, inclusive no de pós-graduação *lato e stricto sensu*. Trabalha na formação de tutores em nível de especialização *lato sensu* e produz cursos à distância para a educação à distância, com produção de materiais didáticos para o ensino e a aprendizagem nessa área.
- ² O miriti (*mauritia setigera*), da família das palmáceas, é a palmeira utilizada pelos os artesãos de Abaetetuba para a produção dos famosos brinquedos de miriti, recriando, em miniatura, a fauna e a flora da Amazônia, além de aspectos do imaginário amazônico. Mas veem-se também miniaturas de embarcações, objetos do trabalho cotidiano, aviões, figuras humanas e vários outros. Os brinquedos de miriti foram um dos elementos considerados essenciais no Círio de Nazaré, de Belém do Pará, sendo alvo de registro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Os outros elementos considerados essenciais são a Imagem Original encontrada por Plácido, a Imagem Peregrina, a Trasladação, a Procissão Principal do Círio, a Berlinda, a Corda, o Almoço do Círio, o Arraial, as Alegorias e o Recírio. Cf. Dossiê Iphan (2006, p. 74).
- ³ O açaí (*euterpe oleracea*) é uma “palmeira com até 30m de altura, folhas pinadas e flores sésseis. O fruto é uma baga contendo amêndoa pequena e dura, chamado açaí; fornece o refresco de açaí, de sabor muito apreciado nas regiões produtoras. Ocorre desde a Amazônia até a Bahia”. Cf. Larousse Cultural (1988, p.6).
- ⁴ Agradeço a gentileza de Marily Fernandes de Souza pelo envio de seu relato de experiência e pela permissão para utilização neste artigo.
- ⁵ Conservei a grafia original das cartas, escritas pelos próprios índios.

Referências

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, p. 13-17, 1996.
- CARTA DE CARLOS KA'APOR ao cacique de sua aldeia, Santa Inês, Maranhão, janeiro de 2000. Acervo pessoal de Márcio Couto Henrique.
- CARTA DE SEBASTIÃO BENTO de S. Lima ao cacique de sua aldeia, Santa Inês, Maranhão, janeiro de 2000. Acervo pessoal de Márcio Couto Henrique.
- CARTA DE ZEZICO RODRIGUES Guajajara ao cacique de sua aldeia, Santa Inês, Maranhão, janeiro de 2000. Acervo pessoal de Márcio Couto Henrique.
- DOSSIÊ IPHAN. *Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro: Ed. do Iphan, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- LAROUSSE CULTURAL. *Brasil A/Z*. São Paulo: Universo, 1988.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. O espelho. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Contos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 21-35.
- MINNER, H. O ritual do corpo entre os Sonacirema? Tradução de Eduardo Viveiros de Castro. *American Anthropologist*, v. 58, p. 503-507, 1956.
- PINHEIRO, A. R. et al. Procurando a matemática onde ela está: no cotidiano das pessoas. Relatório de pesquisa de campo da disciplina Antropologia da Educação, ministrada por Márcio Couto Henrique no Curso de Especialização para Formação de Tutores na Área de Ciências e Matemática, turma de Matemática. Abaetetuba, Pará, setembro de 2005, mimeo. Acervo pessoal de Márcio Couto Henrique.
- SOUZA, M. F. de. Uma experiência inusitada. Relato de experiência feito na disciplina Antropologia da Educação, ministrada por Márcio Couto Henrique no Curso de Especialização para Formação de Tutores na Área de Ciências e Matemática, turma de Séries Iniciais. Abaetetuba, Pará, outubro de 2005, mimeo. Acervo pessoal de Márcio Couto Henrique.

* Artigo destinado ao Curso Presencial de Formação Continuada de Professores em Educação Indígena, organizado pelo Educimat: Formação, Tecnologia e Prestação de Serviços em Educação em Ciências e Matemáticas, integrante da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica (MEC/SEIF/UFPA). Belém: Educimat, 2006.

** Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor na Faculdade de História e no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.